

AS VÁRIAS FACES DO MELODRAMA

*A chegada do duende pressupõe sempre
uma mudança radical em todas as formas
sobre planos velhos,
trazendo sensações de frescor
totalmente inéditas*

Garcia Lorca (2000, p.115)

O texto a seguir é um extrato da conclusão da minha tese de doutorado, *O Espetáculo do Melodrama*, defendida na ECA/USP em 2002. Cópias do texto completo podem ser solicitadas a robson_camargo@pop.com.br.

O melodrama é uma forma teatral que se define pelo procedimento de reunião e desconstrução dos estilos e estilemas teatrais contemporâneos numa relação dialógica e hipertextual. Sem cerimônia, desde seu surgimento, nas rebarbas da Revolução Francesa e carregando as fraldas da modernidade, o melodrama reutiliza-se de elementos da tragédia, da comédia, do drama burguês, do romance inglês e francês, da novela de cavalaria, da picaresca, da ópera cômica, da comédia lacrimosa, do romance gótico. Retirou ali os elementos para a produção justaposta de seus textos e de sua cena, compondo-se como estrutura dramática dinâmica na qual se trabalha a reorganização de diferentes estilos. Compõe-se então como forma *misturada* de distintas matrizes que se organizam por contradição ou justaposição, ele mesmo um não gênero, uma matriz, um procedimento. Esta operação é fundamental na compreensão do drama melodrama, seja em sua modernidade ou naquilo que lhe segue, pois assim se constrói a cena contemporânea, na (re)montagem dos elementos líricos, épicos e dramáticos, daí a constante remanência melodramática. O melodrama em sua complexidade, evidencia o esquema simplista da crítica que o tenta compreender.

Existe uma influência determinante da pantomima e do teatro das feiras nas suas raízes. O melodrama retira desses elementos, ou amalgama ou entrecruza, a elaborada técnica de interpretação do ator gestualizada do teatro de feira e da *commedia dell'Arte* e, sobretudo, o procedimento da construção de seu espetáculo. Reelaborando a prática teatral, o melodrama estabeleceu, no palco, a relação explícita de cumplicidade primeira com a platéia e, como parte central desse processo, o uso consciente de todos os estilos, dramáticos ou não, e sua reelaboração constante em nova chave. Um teatro “pós-dramático” (uma ironia certamente).

O melodrama instaura uma prática teatral desregrada que não se impõe fronteiras ou fidelidades estilísticas, ao contrário, procura rompê-las e renová-las. Não tem compromisso com as regras, mas, na relação com o gosto da platéia. No entanto, não é subserviente, como querem alguns, pois a sua propositura artística procura, na surpresa de sua escrita e da interpretação das personagens, elementos que não fazem parte do gosto sonolento do público. Em sua estrutura, contém a prática de levar o público a novas paragens e novas garagens (uma brincadeira semântica).

O melodrama se assume diretamente como um fenômeno texto-espetacular, uma inscrição espetacular sensória, auditiva, visual e memorial; uma anatomia - forma e estrutura - do corpo sonoro-gesto-visual da cena, no qual o verbo e o silêncio que o acompanha, estão a serviço do espetáculo como unidade construída e elaborada no palco, com a platéia. Antecipa ou desenvolve uma linguagem teatral que se apóia na corporeidade da cena.

Nesta perspectiva, o melodrama teatral torna o indivíduo partícipe de seu espetáculo, o ator e o espectador, substrato e o eixo presente e real de sua arte. Ao extrapolar seus sentimentos, no palco e na platéia, introduz conscientemente e explicitamente na sua exposição, na cena que se constrói, o espectador e seus ditames.

Assim, seu discurso cênico procura falar mais aos sentidos da platéia, em consciente sinestesia, que ao entendimento racional. Ao invés de construir uma quarta parede, como quiseram alguns, ele traz o espectador ou, pelo menos, seus sentimentos para o centro da cena.

A trama, no melodrama, é uma tela para o desenvolvimento potencial da arte dos sentidos. Forma-se, na encenação melodramática, um texto icônico que fala na intersecção e sinestesia da sonoridade e ou visualidade musical, gestual e verbal.

Se o excesso é a linguagem do melodrama, ele ocorre não apenas em seus momentos musicais, mas, na expressividade sonora e verbal sintetizada pelo corpo do ator e pela cena, traz ou inicia no palco moderno a consciência de um novo patamar de representação.

O melodrama é o fenômeno artístico que permite às massas urbanas um novo processo simbólico de vivência social. Esta iconicidade se produz na relação do que se mostra com a platéia, o espetáculo, como estímulo da sensação sinestésica da audiência. Os signos cênicos do melodrama objetivam conscientemente ao constante deslocamento entre as diferentes sensações percebidas, uma sensação visual leva a uma sonora, que leva a uma sensação visual e ou corporal, com todas as suas possíveis combinações. O melodrama acrescenta, em sua propositura estética, para a história do teatro, uma elaboração consciente dos códigos sentimentais que podem atingir a platéia.

A dramaturgia melodramática, sua construção espetacular, sua forma de atuação e a relação que estabelece com a audiência, tornaram-se elementos determinantes e fundadores da constituição do que estava se chamando teatro moderno. A experiência da recepção da platéia proporcionada pelo gênero; a organização da sua produção em espetáculos que, pela primeira vez na história do teatro, alcançaram mais de 1.000 representações; a complexa constituição de sua espetacularidade e do trabalho dos atores e atrizes necessário para sustentar o desenvolvimento do gênero e suas especificidades são fundantes no desenvolvimento do espetáculo teatral contemporâneo.

O melodrama estabelece, em grau mais intenso, a infidelidade genérica e a promiscuidade estilística, estabelecendo um *corpus* de produção e estilo que tem como poética a contaminação e inter-relação com os distintos estilos dramáticos, estabelecendo a cópia e o pastiche como procedimento criativo. Assim, torna-se mais que um gênero, é uma forma introjetiva em diálogo interno, intenso, constante com outras formas dramáticas ou com a transposição para o palco dos códigos da representação da realidade vivida pela platéia. Este caráter de entrecruzamento genérico configura ao melodrama um caráter protéico, não apenas multiforme na estrutura, mas de constante mudança e absorção na sua gênese. Isto explica sua fácil intromissão nas novas mídias que se apresentaram ao século XX.

A música incidental, executada sempre ao vivo no melodrama em seus primeiros passos, tinha três finalidades objetivas: reforçar, anunciar ou preparar o aspecto emocional das desgraças naturais ou pessoais das personagens; serviria como elemento enfático do jogo de rápidas mudanças desta forma de espetáculo e, por último, no seu jogo proposto com os sentimentos da platéia, seria um elemento exteriorizador do estado introspectivo da personagem, de sua ação ou do estado emotivo de toda uma cena.

Entretanto, a relação do elemento sonoro (palavras, silêncio e música) contraposta com o gestual, permite uma percepção mais complexa que do simples encontro da música com o texto. Dentro desta espetacularidade teatral, dentro deste texto-espetacular, o ator apresenta sua personagem como texto sonoro-gestual, um texto fragmentado no icônico da representação, texto silencioso que fala, significa, na intersecção e sinestesia da sonoridade/visualidade musico-gesto-verbal. Se considerarmos que o excesso gesto-sonoro é central na linguagem do melodrama, contrapondo-se a fala sintética das personagens em seus melhores textos, este encontro excesso/economia verbal nos coloca frente a um paradoxo ou a um contínuo deslocar no discurso.

O que fala o melodrama? O gesto, a música, a pausa, o olhar? Realmente não há um excesso no discurso gestual, nem economia de linguagem verbal, mas sim um deslocamento sinestésico constante dentro do espetáculo do melodrama, do olhar ao escutar, do escutar ao olhar, ao sentir, em todas as suas possíveis possibilidades.

A expressividade sonora e a verbalizada sintetizadas através do corpo do ator e pela cena do melodrama teatral, não apenas nos seus momentos musicais, traz para o palco a consciência na elaboração de um novo patamar de representação. Esta iconicidade elaborada coloca o representado como estímulo para a sensação sinestésica da audiência. Os signos cênicos do melodrama objetivam conscientemente ao constante deslocamento entre as diferentes sensações percebidas, uma sensação visual leva a uma sonora, que leva a uma sensação visual e ou corporal, com todas as suas possíveis combinações. Na verdade poderíamos dizer que a literariedade crescente nos palcos truncou o desenvolvimento maior de uma linguagem teatral que se apoiava na corporeidade e na sua iconicidade. Não é à toa que o melodrama, ou a preocupação com seus códigos cênicos, retorna com mais força no contexto de uma cultura que o corpo, a imagem e o gesto se colocam na superfície.

Sua trama representada era sempre improvável, por mais que os áudio-espectadores sempre soubessem de seu provável final. O centro não era a conclusão, como nunca foi no teatro, mas o processo de contar ou exprimir a história.

Os elementos-surpresa no desenrolar do melodrama fazem parte do jogo cênico e espetacular, revertendo expectativas e modificando a correlação de forças sempre em detrimento das personagens boas. Esta seria uma constante, mas até a cena final, quando a resolução se dará ao inverso do praticado até aquele momento. Mas, o público nunca sabe qual será a cena final, ficando em situação de suspense ou suspensão, esperando o possível reverso que pode não ocorrer. Se o final (da história) é feliz e esperado, o que não se presume é o momento da resolução teatral.

Neste processo, a música, mas não apenas ela, servia como indutora subliminar do público ao novo estado emotivo. A forma incidental que atua no melodrama não é exclusiva apenas da sua música, mas é um procedimento contido em sua forma-espetáculo.

O elemento incidente surge alternadamente, girando a história e tudo que dela depende em outro sentido, como as personagens, os efeitos musicais, os fenômenos naturais, os gestos em caminhos totalmente inesperados. O elemento incidental dinamiza o espetáculo teatral do melodrama, vindo a ser um elemento metateatral, uma interferência *ex machina* do autor-produtor-ator-regente na evolução da representação. Este procedimento só é possível, porque existe a plena consciência e experimentação da montagem teatral e da interpretação do ator dirigida à conquista das sensações do público.

O melodrama, como forma artística teatral, executa uma estrutura artística genérica gravitacional que se constrói pelo somatório, simbiose e inter-relação dos gêneros envolvidos. Forma misturada, incorpora as conquistas teatrais existentes, dinamizando-as por meio dos efeitos e maquinários teatrais de três maneiras: primeiro a adaptação sem cerimônia individual de diferentes gêneros literários, como o romance e notícias de jornal, etc.; depois a adaptação **intergêneros**, apropriando e mesclando formas teatrais passadas ou presentes e, por fim, **intragênero**, com a tradução e adaptação de peças de diferentes idiomas e culturas, e mesmo a cópia realizada abertamente ou não entre distintos autores, baseados em um padrão melodramático.

O melodrama, por fazer historicamente parte da consciência do espetáculo e de sua construção, estrutura-se com as formas teatrais com quais dialoga numa relação palimpséstica. Nenhum dos textos é o original e o citado, os dois ou três que se interlaçam conformam o texto principal, fazem parte de uma composição tridimensional, no qual o que interessa é a relação desses textos no espaço texto ou, no nosso caso, no espaço texto-espetacular. Trata-se da corporificação do espetáculo melodramático. Não é uma unidade genérica coerente, mas um movimento de textos-espetaculares que se superpõem e sobrepõem-se, velada ou aparentemente. Esta é a dinâmica de seu teatro, composto por um acúmulo de elaborações superpostas de distintas formas artísticas e de si mesmo.

Assim, deve ser compreendido o teatro do melodrama e o melodrama no teatro. Não apenas um texto que se relaciona com outros semelhantes ou em oposição, mas o(s) texto(s) que se relacionam dinamicamente naquele espaço, naquele espetáculo, formando um novo produto e uma estrutura dinâmica multidimensional em que não se deve identificar apenas o texto mas, sim, a relação que desvela uma nova forma resultante do inscrito e do insculpido no espaço criativo.

Formas sobrepostas, não apenas a presença de um texto dentro, atrás ou acima do outro, mas a relação conflitiva e tensional que ocorre entre a(s) forma(s) espetacular(es) com seu espaço ou do texto-espetacular em seu espaço múltiplo.

O melodrama, visto nesta perspectiva, é a simbiose genérica, pois trabalha em uma relação dinâmica com os gêneros teatrais incorporados em seu discurso, na busca de estabelecer uma vida comum entre eles, uma vez mais, não sendo, portanto, nem uma degeneração nem corrupção de

gêneros envolvidos, mas uma forma em palimpsesto.

O melodrama incorpora de outros textos os estilemas e as estruturas que dinamizam seu espetáculo, em maior o menor grau, torna-se assim lugar de passagem, uma matriz onde sempre serão encontradas influências ou inscrições suas no espetáculo teatral contemporâneo. A cópia não é seu problema é o seu método.

O melodrama foi escrito para ser efetivo no palco, composto para a cena. Seus elementos estruturais e estilísticos foram escolhidos para funcionar para o espectador, não para o leitor. Esta consciência cênica do melodrama possibilita uma estilização particular de seus efeitos e demanda que o melodrama seja visto e compreendido principalmente pela sua encenação. Realidade icônica pouco predisposta à esquemas.

O melodrama não banuiu a contradição em seu mundo cênico, ela ocorre, mas principalmente na relação entre as personagens, não em cada uma internamente. O bom e o mal vivem onde e como gostaríamos ou desejaríamos, em seu estado puro e claro, no embate de forças num mundo onde tudo deveria ser claro, o bom seria bom e o mau mal. No melodrama teatral, a natureza ou melhor, os fenômenos naturais e humanos incontrolláveis, o acaso da vida, é quem conspira contra esta ordem, a desestabiliza. Como platéia nos identificamos inicialmente com a aparente estabilidade inicial mostrada por suas personagens, é o necessário para que se permita a vivência artística contínua da instabilidade humana que virá durante sua apresentação. Neste sentido o melodrama dialoga melhor com a sensibilidade humana contemporânea que a tragédia antiga poderia fazer, pois trabalha com os deuses contemporâneos que não tramam apenas no Olimpo.

O melodrama promove a experiência artística da recuperação da alienação humana, da vivência pela platéia de caracteres unitários, sem contradições em cada uma de suas personagens, ao menos pelo curto tempo da representação, daí a sua necessidade e permanência e a ânsia da platéia pela sua recomposição final.

Entretanto, o fato mais importante é que sua forma composicional matricial determina os principais traços da arte teatral contemporânea.

O(s) melodrama(s), se não existisse(m), seria necessário inventá-lo(s).